

M. H. FORMAGINI

SOMBRA  
DA  
GUERRA

SANGUE DO IMPÉRIO

LIVRO I



# IMPÉRIO MÉSSIO E SUAS FRONTEIRAS

IMPERADOR MAGNO BRAVO - COMANDANTE DE INFORMAÇÕES DEVAN ELVARATH

28 DE ILVARAN

ANO 1083



# TERRAS CAENAS



# Prólogo



multidão de casas o encarava. Olhos vazios e escuros. Nenhuma das chaminés fumava, apenas a desconcertante quietude. O porto de Aitir sempre carregara o fardo do esquecimento e o desgaste acentuado do tempo, agora, no entanto, parecia um corpo abandonado, que começava a se decompor lentamente.

O sol recuava para além das vastas florestas que dominavam aquela triste paisagem e arrastava consigo qualquer vestígio de calor ou vida, deixando para trás longas sombras frias que engoliam as cores em um cinza morto.

Mayor já estivera na cidade diversas vezes e mesmo sabendo que o lugar nunca fora grande coisa, o silêncio que gritava nos becos era algo de arrepia. O vento soprava úmido, com um frescor nada agradável. Uma neblina rasa brotava dos pântanos, arrastando consigo um cheiro de cadáveres velhos. O mar revolto que encararam por toda a Rota da Neblina não existia ali. Contidas em um balanço quieto e lento, as águas negras sussurravam mistérios das profundezas.

A vida parecia repudiar aquele lugar. Nem mesmo as aves marcavam presença. Os barcos esquecidos no cais se moviam com suavidade no ritmo das águas, como cadáveres à deriva. Mayor deixou a proa, inquieto, e se dirigiu para a popa, onde Corg, seu intendente, encolhia-se em um poncho de lã cinzenta. Era uma tentativa de se abrigar do vento gelado que, com o prelúdio da noite, afiava suas lâminas invisíveis.

— Esse silêncio... — Corg estremeceu ao se afastar do parapeito do navio, buscando refúgio do vento no pé da escada. — Não parece certo, capitão.

— Não se preocupe com o silêncio desse lugar... — *E sim com barulho, aí fugimos!* Pensou em dizer, mas a última coisa que precisava era de uma

tripulação amedrontada. — Conheço bem essa cidade. Não é a primeira vez que a vejo quieta.

Corg era seu intendente há três anos, mas Mayor se aventurava pelas Terras Caenas há pelo menos nove. Na sua terceira viagem ao porto, encontrou apenas um pequeno grupo de crianças pescando no cais. Na época, imaginou que o porto poderia ter sofrido um ataque e que somente os pequenos tinham sobrevivido. Tentou falar com eles, mas todos fugiram, assustados como gatos selvagens. Somente muito depois, quando pensava em zarpar dali, dois homens apareceram com seu tão aguardado carregamento. Eles lhe disseram que estavam honrando seu Deus em um ritual cuja duração era de um ciclo de lua inteiro. Soube também que as crianças não podiam participar, por isso ficavam sozinhas até o ritual terminar. *Tradições*, pensou na ocasião.

Viajara para muitos lugares, e cada povo tinha seu jeito de viver e ver o mundo. Não era diferente com os *Caenitas*. Eram pessoas estranhas que viviam em terras carregadas pelas dores das guerras do passado. Rezavam a um Deus diferente, que gostava de rituais perturbadores. Mas isso importava a Mayor? Estava ali pelo carregamento. A forma como decidiam levar a vida não lhe dizia respeito.

— Devem estar em algum templo rezando ou algo assim — concluiu, tentando convencer mais a si mesmo do que a Corg.

Subiu no forte da popa, onde teria mais visibilidade, e firmou o olhar para cada canto da cidade em busca de qualquer sinal de vida. Entretanto, tudo o que viu foram as casas, imóveis. Suas janelas escuras o encaravam como olhos vazios.

Ao longe, avistou a silhueta do velho farol de Aitir, uma torre desajeitada de pedra e madeira. Chamá-lo de farol era pretensioso, pois nunca emitia mais luz do que um lampião. O esqueleto escuro da construção se erguia sobre uma montanha estranhamente desenhada, como se fosse parte de alguma criatura colossal. Ao olhar com mais atenção, dava mesmo para ver curvaturas que lembravam muito partes de algum ser. Era como se estivesse diante de um fóssil gigantesco coberto por relvas tristes e doentes.

Um calafrio percorreu sua espinha ao se recordar das histórias que ouvira sobre o lugar: navios encontrados completamente vazios, *tubarões-dragão* que viviam nas profundezas e cuspiam água fervente, polvos gigantes que

afundavam embarcações com tentáculos enormes, estranhas luzes que dancavam nas profundezas da baía e todo tipo de coisa que desencorajava qualquer um a se arriscar pelas águas da Baía Morta. *Besteira... Faz tempo que viajo até esta merda de lugar e nunca aconteceu nada. Não será hoje que o barco vai virar.*

— Que povo esquisito. — As palavras de Corg ecoaram solitárias pelo cais sem vida, arrancando Mayor dos pensamentos obscuros que dominavam sua mente. Era visível que o intendente queria apenas falar sobre qualquer coisa. Talvez estivesse certo, pois o silêncio parecia perturbar mais do que qualquer palavra dita.

— É um povo sofrido... Muitas coisas aconteceram nessas terras. Me admira ver que alguém ainda viva aqui.

— Bom. Não parece que alguém esteja vivendo aqui. — Corg sorriu, nervoso e tenso sob as camadas de roupa.

— Já lhe disse... este lugar é assim mesmo. Só fique de olho. A qualquer momento alguém deve aparecer com o nosso carregamento e então navegamos até o Farol Caído.

— Às ordens, capitão. Até porque voltar sem nada não parece interessante...

— Lave essa sua boca com sal, marujo. Essa viagem afundou muito ouro... Se não conseguir no mínimo pagar o que gastei, queimo a cidade inteira — brincou Mayor, embora se quisesse realmente atear fogo, bastaria incendiar uma casa e as chamas dariam conta de transformar o resto em cinzas.

O silêncio perturbou o ar por um momento, até Corg retomar a conversa:

— Nasci na Rua Torta, capitão. Em Pontabrada. Você sabe! Lá não é um lugar luxuoso. As moradias são simples e... tem muita miséria, mas esta cidade... por Ciz. Isso é... nem sei o que dizer de um lugar como este.

— Há quem diga que era bonito aqui — respondeu Mayor, apesar de ele mesmo duvidar disso. Encarou os traços velhos da cidade em busca de alguma beleza que pudesse estar escondida aos olhos.

O maior porto das Terras Caenas. E não se comparava nem ao menor dos portos cizânicos. Lembrou-se de Pontabrada, um porto movimentado, mas nada grandioso. Até mesmo as ruas mais humildes de lá eram mais alegres e vibrantes do que a miséria que encarava no momento. As casas se mesclavam em um amontoado de cores e tipos; os mercados fervilhavam com variadas mercadorias, e o vai e vem de barcos não cessava nem após o pôr do sol. A praça da cidade oferecia tantas atrações quanto os olhos podiam

apreciar ou os bolsos conseguiam pagar, diferentemente de Aitir, onde tudo era velho e cansado.

Os próprios Caenitas pareciam morrer lentamente com a cidade. Observara nas outras vezes o trabalho triste e depressivo das pessoas, como se nada lhes restasse. As crianças eram velhos adultos em corpos pequenos, com muitas responsabilidades para os anos de vida que carregavam. As construções refletiam o povo: retorcidas, silenciosas e antigas. As casas de madeira se apoiavam umas nas outras, tornando as ruas irregulares, estreitas e escuras, como as entranhas de uma floresta densa. Cada tábua de madeira ali tinha sua função, escorando sobrados e residências que ameaçavam cair ao simples toque do vento. Os casebres se espremiam do cais até a encosta de uma colina rochosa, onde a vegetação invadia com tentáculos verdes, como se tentasse engolir a cidade de uma vez por todas. No topo da colina, os resquícios da época em que o Império Méssio exercera seu domínio sobre a região lutavam para se manter em pé, ruínas de um passado distante caindo no esquecimento. Só uma grande torre ainda resistia. Ali, o lorde de Aitir fazia sua morada.

— Difícil acreditar nisso, capitão — concluiu Corg.

Mayor deu de ombros. Não era a falta de beleza do lugar que o perturbava. Tinha vindo ali pelo seu carregamento. Já estava acostumado com essa demora, mas aquele silêncio... isso sim lhe deixava nervoso. Tinha se arriscado muitas vezes pela Rota da Neblina para contrabandear o valioso leite de *liitir* e em todas às vezes, tinha valido o risco. Mas esse carregamento era especial. Com sorte, seria o último.

— Ouvi boatos de que o imperador iniciou uma forte ofensiva para acabar com a venda do *liitir*... — O intendente retomou a conversa após as reflexões de Mayor o silenciarem por algum tempo.

— Não seria a primeira vez.

— É, mas ouvi dizer que tem um general das Grandes Casas à frente disso.

— Quem? Os Born-hor? — Mayor afastou a ideia com a mão. — Eles fracassaram na invasão ao Império Méssio e mal conseguem manter a palavra de Ciz. Quem dirá ficar caçando contrabandistas como eu.

— Bom. É o que os ventos sopram, capitão. Eu não sei dizer se é verdade, mas foi o que escutei.

— Pode ser que seja, não me importo. Não vão pegar esse marujo. Jamais.

— Isso eu sei, capitão. Mas pode ser que perca dinheiro com essas conversas.

— Muito pelo contrário. Esses boatos só fazem é aumentar o preço. É a lógica do mercado, Corg. Quanto mais difícil for comercializar algo, mais caro ele fica. Além disso, conheço um comprador que pretende levar esse carregamento para as terras méssias. Ele ofereceu muito dinheiro por um barril. Se tudo der certo... bom. Vai dar certo.

*Tem que dar certo!* Vasculhou o cais em busca de Carpo, o velho vendedor da cidade. Ele era conhecido como o Comerciante; não por menos, pois era um dos únicos nobres do lugar, provavelmente o mais rico de Aitir. Mais rico do que o próprio lorde da cidade, chamado Lorde Murg, o Triste. Os boatos são de que o Comerciante matara todos os outros que tinham alguma relevância e, a fim de garantir sua posição, dava uma parte das riquezas a Murg para que o deixasse em paz.

— Onde está aquele velho? — questionou, impaciente, conforme observava o sol dar seus últimos beijos de luz no topo da colina.

— Capitão. Estou realmente achando que abandonaram a cidade — disse Corg, subindo no castelo da popa e espichando o pescoço no intuito de ver além das primeiras casas.

*Perda de tempo*, pensou. A neblina estava cada vez mais densa. A cidade dormia em um cinza aborrecido e, enquanto o calor do sol os abandonava, as ruas enegreciam, sem qualquer vestígio de luz. Não iria esperar ali pela chegada da noite.

— Vá chamar os irmãos Gal! — ordenou.

Corg nem precisou. Guiliar, o mais velho dos dois, surgiu no convés como se estivesse aguardando ser chamado. Golian veio depois, na companhia de Ratazana, um esquelético menino que se juntara a eles há menos de um ano, e Brado, o novo comandante dos remos.

— Precisamos matar? — Quis saber Guiliar. Além de ser o mais velho, era o mais medonho dos dois.

Ambos tinham origem *sultari*, com quase dois metros de altura, pele cobreada, um rosto comprido e marcado por tantas cicatrizes quanto dedos nas mãos. Guiliar, no entanto, tinha dois a menos. Eram os melhores guerreiros a bordo. Andavam sempre bem barbeados e com a cabeça ras-

pada, tão lustra que reluzia ao toque da luz. Suas espadas curvas ficavam ao seu lado, como cães fiéis que não os deixavam nem para dormir.

— Quero que você e seu irmão investiguem a cidade. — Foi direto ao ponto. — Procurem pelo velho Carpo. Diga que aguardo meu carregamento e, se notarem qualquer coisa suspeita ou errada, voltem rapidamente.

Ambos jogaram as túnicas pretas sobre a cabeça, esconderam-se sob os panos e desceram pela prancha do navio para o cais. Desapareceram assim que entraram na primeira rua como se tivessem mergulhado em um túnel escuro. Ao ver os dois sumirem, Mayor sentiu a angústia apertar o peito. *Talvez eu devesse ir!* Gostava demais da tripulação para arriscar perder qualquer um que fosse. Isso pesaria ainda mais em sua consciência abalada. No entanto, sabia que seu lugar era ali, no controle do navio e preparado para qualquer coisa.

— Brado! — O brutamontes, de braços maiores que o normal e costas tão largas quanto uma porta, voltou-se para ele, com olhos grandes e um nariz de batata que parecia repousar sobre um espesso bigode acinzentado. — Diga aos homens para ficarem alerta. Quero todos prontos para pegar em armas ou remar se necessário.

O grandalhão desceu para o convés inferior com passos pesados e re-passou as ordens em berros raivosos, seguido de uma correria desenfreada dos marinheiros. Mayor se virou para a cidade desolada. Seus olhos traçaram uma linha tensa até o farol de Aitir, que continuava quieto e solitário. Talvez fosse impressão ou a mente carregada de esperança, mas pareceu ver movimento no topo. Parecia até que alguma luz brilhava lá, fraca demais para brigar com a última luz do sol, que ainda relutava em ceder lugar à noite, como se o grande Ciz o segurasse para lhes dar tempo de sair dali.

— Ratazana! — O jovem comia as unhas, seus olhos negros, divididos por um grande nariz, vasculhavam a cidade em busca de qualquer ameaça. Se algo os atacasse, seria muito provável que ele morresse antes mesmo de os inimigos pularem a bordo. — Acenda os lampiões do navio. Corg, ajude-o.

A névoa rastejava pelas ruas e, resistindo o tanto quanto pôde, o sol adormeceu, deixando que a escuridão assumisse o controle e mergulhando a cidade em um breu intenso e maligno. O calor se extinguiu por completo. As vozes dos pántanos foram se intensificando com uma canção triste e lenta. As florestas se avolumavam contra as construções, como se o anoitecer desse tamanho às árvores.

A escuridão reinava.

O farol, para seu infortúnio, estava apagado e apontava para o céu como um chifre escuro que brotava do crânio da montanha. A visão arrancou um sincero calafrio de Mayor. Acima do local tomado pela névoa, a torre do lorde dormia, sem reino para governar.

Queria estar errado e dizer que a sensação que dominava seu peito era apenas o medo de não conseguir a mercadoria, mas não tinha mais como suportar aquela sensação. Percebia sua vida se esvaindo, como se a cidade sugasse suas forças e seu ânimo. Nem mesmo se agasalhando com um sobretudo preto de lã batida conseguiu afastar o gélido ar noturno, que atravessava sua carne e congelava os ossos. O ar fedia a algo podre, como a carcaça de animais em decomposição. As luzes do barco não iam longe. A neblina dificultava a visibilidade, e as casas se resumiam a um borrão escuro e incerto.

— Há algo muito errado aqui... — As palavras finalmente escaparam de sua boca, empurradas por um suspiro carregado de medo.

— Está sentindo esse cheiro, capitão? — Corg tinha terminado de acender os lampiões e agora farejava o ar como um cachorro.

Mayor assentiu. A boca queria ordenar que zarpassem de imediato, mas não deixaria os irmãos Gal para trás. Além do mais, a ideia de sair dali de mãos vazias se retorcia dentro dele, uma luta frenética de medo e raiva.

A lua, alta no céu, assumiu seu posto, lançando um brilho pálido e fantasmagórico sobre a cidade. Seu fulgor cintilante tornava o lugar ainda mais medonho, acentuando as sombras profundas entre as casas retorcidas. As edificações mais altas se erguiam acima da neblina, suas silhuetas negras delineadas por uma luz prateada que parecia emprestar vida às formas imóveis.

O silêncio opressor deu lugar a murmúrios apressados, como se a própria cidade sussurrasse segredos macabros. De repente, borrões luminosos romperam de uma das ruelas, oscilando e dançando conforme se aproximavam. Estava certo que eram os irmãos Gal, mas a mente perturbada tinha dúvidas. A neblina engolia os detalhes, e somente quando estavam bem próximos do barco Mayor os reconheceu.

— Por Ciz, são os irmãos Gal — disse, suspirando de alívio aovê-los.

Não estavam sozinhos. Conduziam o velho Carpo, cinco mulheres carregadas com sacolas e aproximadamente quinze crianças. Por último, sete carroças puxadas por burros surgiram, controladas por homens de idade

avançada, protegidos na retaguarda por quatro sujeitos armados com lanças improvisadas. Refrearam as carroças próximas ao cais, em terra firme, e o grupo se aglomerou na frente delas, como se buscassem abrigo dos olhos noturnos da cidade. Mayor correu para bombordo, ainda tentando entender aquela situação e incomodado com o crescente fedor podre que os atingia.

— O que significa isso? — questionou enquanto os irmãos Gal saltavam a bordo e Carpo se aproximava para conversar.

— Meu amigo, vim para negociar. — A voz do homem tentava parecer calma, mas era apressada e cheia de medo.

Diferente das outras vezes, Carpo não usava os trajes adornados, cheios de detalhes e cores que se destacavam da cidade. Dessa vez trajava apenas um sobretudo negro, grosso e sem beleza. Comparado aos outros, ainda estava bem-vestido. As crianças estavam enroladas em roupas suficientes para não passar frio, mas não era possível distinguir as peças.

— O que me diz? — O olhar cinzento do comerciante parecia implorar.

Os pequenos olhavam em volta, agitados e com medo; alguns se agaravam às mulheres em busca de proteção.

Os carregamentos pareciam generosos. Cinco das carroças tinham seis barris cada, e as outras duas estavam cheias com sacos e utensílios. Portavam mantimentos e pertences pessoais.

— Capitão! — Guiilar se aproximou dele, falando baixo e mais atrapalhado do que o normal. — A morte... a morte está aqui. Partir... Devemos partir. Agora.

Por algum motivo, o anúncio não o surpreendeu àquela altura. Voltou sua atenção para o Comerciante, ignorando por um momento o coração, que parecia o martelo de um ferreiro lutando contra o aço.

— Prossiga — disse a Carpo, que aguardava ansioso.

— Vamos ao que interessa. — O dom de negociação abandonara o homem. outrora, teria enrolado e criado histórias belíssimas para conseguir o que queria, mas agora a urgência atropelava as entrelinhas. — Quero que leve a mim e a essas pessoas até Pontabrada.

Mayor pensou em interromper, pois o pedido do homem era exagerado, uma vez que tinham mantimentos somente para a tripulação, mas o comerciante prosseguiu:

— Temos tudo o que precisamos! O suficiente para nós... Não vamos

atrapalhar. Podemos dormir em qualquer canto e estamos dispostos a ajudar. Se concordar com isso, as cinco carroças com barris serão suas. Cada uma delas com seis. Todos cheios até a boca.

Carpo não disse do que, mas Mayor sabia. Era uma oferta tentadora. Viera por vinte barris, mas Carpo lhe oferecia trinta. *Trinta barris em troca de uma carona?* Aquilo soava desesperado demais para um homem conhecido como o Comerciante.

— Por que isso? É uma oferta generosa...

— Meu amigo... — A voz do nobre negociante ressoou, profunda. — Coisas ruins aconteceram aqui. Somos o que sobrou desta cidade. O mal andou por estas ruas. Escondi todos que pude. Ficamos no porão da minha casa por quatro dias, até que os gritos cessaram. Procuramos sobreviventes. No entanto, para onde quer que olhássemos, havia sangue e morte. Ainda tem algo aqui, à espreita, como um felino aguardando a hora certa de dar o bote em sua presa. Por isso te peço mais uma vez que aceite minha oferta.

— Quando diz que só vocês sobraram...?

— Há muitos mortos pela cidade, mas... a maioria... desapareceu! Os que tentaram lutar... eu não sei. Como disse antes, somos o que restou. Conseguimos nos esconder até tudo ficar silencioso, mas não tínhamos coragem de sair. À noite... ouvimos gritos... sussurros frios e malignos... — O Comerciante lançou um olhar atormentado para a cidade atrás dele. — Algo ainda está aqui... posso sentir. — Os olhos dele encontraram os de Mayor. — Você também pode... não é?

O vento sussurrou algo grotesco, como um cântico agourento que congelou a todos. Mayor sentiu os pelos do corpo se eriçarem e não precisou ouvir mais nada para ter certeza de que deveriam sair dali.

— Tragam todos a bordo, depressa! Levem os barris para o porão. Ratazana, leve as mulheres e crianças para baixo e peça que Brado mande alguns homens aqui para ajudar no carregamento. — O magricelo foi ágil em executar as ordens, arrastando todos para baixo e surgindo com o restante dos marinheiros sob comando de Brado em seguida.

O carregamento foi um frenesi, quase caótico. Um dos barris escapou das mãos vacilantes de um dos rapazes de Carpo e mergulhou no mar com um baque surdo. A perda era grande, mas Mayor mal lançou um olhar para o contratempo. A mente fervilhava com um único desejo: zarpar daquele infer-

no, mesmo sob o manto da noite. Alguma coisa em seu âmago lhe dizia que teriam mais chances de encarar as garras da Baía Morta do que permanecer naquele canto amaldiçoado.

Os burros, agora inúteis, foram soltos e assustados, lançando-se para as trevas além do cais, enchendo a noite com seus zurros desesperados. O vento estava forte e intenso, como se uma tempestade se aproximasse, mas a lua os observava no céu com uma luz borrada e pálida, distorcida pela neblina.

— É tudo? — gritou Mayor do convés ao ver o último barril sendo transportado a bordo.

— Sim! — Corg vasculhou uma última vez as carroças antes de voltar para o cais.

— Corg, solte a corda. Brado, leve seus homens para os remos. — As palavras do capitão foram cortadas por um urro maligno que agitou as águas escuras da baía.

Por um momento, o silêncio pairou, até ouvirem um tremor de passos e azaração alastrando-se pela cidade.

— Brado, agora! — Mayor correu para a popa, assumindo com firmeza o leme.

Os irmãos Gal, ágeis e instintivos, já estavam nas balistas, os olhos esquadrinhavam a escuridão em busca de algo que os ameaçasse. Corg se posicionou ao lado, em uma terceira arma, e os homens de Carpo se colocaram em posição atrás do parapeito do convés, com suas lanças vacilantes apontadas para o terror que marchava pelas ruas.

Mayor podia sentir a agitação dos marujos no convés inferior, prestando-se para remar. Palavras desconhecidas envenenavam o ar, fisiando os ouvidos de Mayor a ponto de ele largar o leme para tampá-los. Então, um dos burros apareceu, galopando na direção da luz do barco em uma tentativa perdida de fugir dali. Seu corpo, mutilado num espetáculo grotesco de sangue e entradas, perdeu-se do cais e mergulhou nas profundezas do mar.

— *Al-Sularis!* — Guiliar rogou por seu Deus distante, visivelmente aterrulado.

— O que, em nome de Ciz, fez isso? — Corg estava perplexo.

Os homens de Carpo trocavam palavras inaudíveis entre eles, prestes a pular do navio e seguir a nado pela baía. Por fim, os remos desceram, rasgando as águas negras com força e impulsionando o navio, que deslizou sobre a

agitação crescente do mar. Ouviu os gritos de Brado no porão e, a cada grito, o navio se distanciava mais e mais, afastando-se daquela maldição de terra rumo ao abraço incerto da Baía Morta, que parecia um bom lugar para estar naquele momento.

Mayor observou uma última vez a cidade amaldiçoada. As silhuetas escuras das casas pareciam seres de sombra, governados pela alta torre no topo da colina. Não tinha certeza se era uma peça pregada por sua mente amedrontada, mas podia jurar ter visto vultos no cais, observando-os como meros espectadores de sombra.

— Que o Grande Ciz nos guie e proteja. — As palavras saíram quase inaudíveis, como se algo as segurasse em sua garganta.

— Acho que ele não pode te ouvir aqui... — Carpo se aproximou, a voz ressoou como um sussurro pesado e cheio de horror.

— O que é isso?

— Alguns dizem que é obra da Rainha dos Pântanos. Outros, relembram lendas de um ser maligno que há muito dorme sob o mundo... E há quem fale em espíritos famintos e demônios.

— E no que acredita?

O velho vendedor fixou os olhos onde a cidade desaparecera, tão absor-  
to que Mayor duvidou que ele ainda soubesse que estava em um navio. Pa-  
recia ter morrido em pé. Mas quando um pingo de maresia atingiu o rosto  
do Comerciante, ele então piscou, como se despertasse de um pesadelo para  
encontrar outro.

— Em tudo... tudo o que dizem.